A FELICIDADE INFANTIL E A PRODUÇÃO DE COMPORTAMENTOS MATERNOS CONFORMES NAS PÁGINAS DA REVISTA *PAIS & FILHOS*

GT14: Discurso e Comunicação

Ariane Carla Pereira [1]
Unicentro
ariane_carla@uol.com.br

Resumo

Pensar como se dão os processos de subjetivação que levam as mulheres a se reconhecerem como mães e, assim, a adotarem comportamentos conformes, a partir do discurso jornalístico da revista *Pais & Filhos* é a proposta desse trabalho. A publicação, há mais de quarenta anos no mercado editorial brasileiro, além de ser um manual mensal de puericultura, vem mostrando às mulheres-mães o que concerne à maternidade e o que não é condizente com o papel da mãe. Assim, ao mesmo tempo em que ensina à mulher a trocar fraldas, cuidar do umbigo, a revista também direciona os modos de ler, ser e estar no mundo da mãe. E é essa condução das condutas maternas que interessa a esse estudo que se efetiva num gesto de leitura do trinômio felicidade-autoestima-sucesso, repercutindo diretamente no que concerne à maternidade. Os discursos jornalísticos de *Pais & Filhos* evidenciam uma responsabilização da mulher-mãe que, assim, deve assumir o papel de heroína da *performance*. Movida pelo superpoder do amor-materno, a mulher-mãe teria papel ímpar na formação dos capitais humano e social de seu filho.

---

[1] Doutora em Comunicação e Cultura (UFRJ). Docente efetiva do Departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em Guarapuava, Paraná. Editora da Revista Brasileira de História da Mídia. Diretora-presidente da Rede Brasileira de História da Mídia.

Palavras-Chave: discurso jornalístico; revista *Pais & Filhos*; análise do discurso; processos de subjetivação; produção de comportamento conformes.

“Ainda há tempo. Com trabalho e planejamento, podemos evitar que a criança se torne um adulto poluído, neurótico e infeliz” (*Pais & Filhos,* edição 71, julho/1974, p.11). Quarenta anos depois, o apelo presente nas páginas de *Pais & Filhos* ainda na década de 1970 pode ser lido como uma espécie de profecia. Afinal, a preocupação com o meio-ambiente e com a felicidade – ou com a infelicidade e as neuroses, como a depressão, ligadas a ela – consolidaram-se como temáticas universais, imperativos da sociedade da qual fazemos parte.

O que mais me chama a atenção, no entanto, é a maneira como os assuntos, tão caros ao indivíduo contemporâneo – quiçá as crianças cujas mães liam *Pais & Filhos* em seu início –, foram associados, de modo que se apresentavam, naquele momento, como indissociáveis pela revista: “a poluição é uma das causas diretas da infelicidade da criança na cidade grande. E infelicidade é um fator comum em todas as neuroses” (*Pais & Filhos,* edição 73, setembro/1974, p. 21).

Ao associar a infelicidade à poluição, *Pais & Filhos*, na verdade, antecipa um propósito que se intensificará na década seguinte, mas que é perceptível desde sua primeira edição. Isto é, apresentar temáticas da psicologia e da psiquiatria e, também, psicologizar outros assuntos e temas. Seguindo nesse caminho, a partir da edição 181, de maio de 1983, a revista adota o *slogan* “Saúde e psicologia para toda a família”.

Os discursos de *Pais & Filhos,* nesse sentido, aderem ao que Rose (2011) chama de “saber *psi*”, uma *expertise* que se formou e se consolidou como um conjunto de técnicas e procedimentos que visam tornar possível a gerência racional dos

recursos humanos na vida social de maneira geral. Essa psicologia, então, a que a revista recorre para construir seus enunciados sobre a maternidade e a infância "não é um corpo de teorias e explicações abstratas, mas uma 'tecnologia intelectual', um modo de tornar visíveis e inteligíveis certas características das pessoas, suas condutas" (ROSE, 2011, p. 23-24). Dessa forma, esse tipo particular de "autoridade social" (p. 123), contemporaneamente, tem papel fundamental em nosso regime de subjetivação.

Os discursos jornalísticos de *Pais & Filhos* ao se aliarem ao saber *psi* contribuem para a transformação de "nossas concepções do que as pessoas são e de como devemos entendê-las e agir sobre elas" (ROSE, 2011, p. 24). Quero dizer que, ao incorporar a *expertise* da Psicologia e propor levar a mesma para toda a família, a revista se utiliza dessas ferramentas intelectuais para agir sobre a mulher-mãe e fazer com que essa passe a atuar, nos mesmos moldes, sobre seus filhos.

Ao apresentar a felicidade da criança como argumento para se iniciar o combate contra à poluição, *Pais & Filhos* despertou em mim um motivo para o estranhamento. E esse ao ser associado ao enfoque psicologizante da revista, pareceu-me terreno fértil para a tecitura de algumas análises. Afinal, a felicidade, entendida como condição inerente à criança, deve ser estimulada de modo a fazê-la perdurar por toda a vida. Porém, quando se é adulto, ser feliz, além de um estado de espírito, também passa pela obtenção do sucesso e este é resultado da convergência de duas realizações, a pessoal e a profissional. E para isso é preciso despertar, e desde bem cedo, a inteligência, entendida aqui não apenas como a tradicional, ligada à habilidade com as letras e/ou com os números, mas também aquela chamada emocional. Capital humano que engloba autoestima, autoconfiança, criatividade, aptidões comunicacionais e destreza nos relacionamentos, no trato com os outros indivíduos, através da simpatia e da empatia.

E quem pode e deve estimular a criança para que essa seja saudável, inteligente e feliz, e, simultaneamente, ter olhos de lince para detectar qualquer desvio no trajeto pré-determinado, aquele com vistas a alcançar a autoestima, a felicidade e o sucesso? A mãe. Se no mundo dos adultos cada indivíduo é um empreendedor de si mesmo, quando se é criança essa responsabilidade deve ser delegada a alguém, ou melhor, deve ser assumida por alguém que queira e possa preparar, dar condições para que esse ser em desenvolvimento adquira todas as características que poderão fazer dele uma pessoa diferenciada, àquela sempre em busca (mas, sobretudo, capaz de alcançar) “da 'alta *performance'* (ou da 'excelência', do 'desempenho superior', da 'vantagem competitiva sustentável', entre tantas outras expressões cintilantes utilizadas, com espírito sinonímico, pelas empresas” (FREIRE FILHO, 2011, p. 28).

A gestão de si mesmo é, portanto, um projeto da sociedade contemporânea, encampado pela mãe, para a criança. Já que essa, por sua condição de criança, não pode se autoempreender e, portanto, sozinha buscar o sucesso, o sorriso e a felicidade imediatos e futuros. São as mães que devem ensinar o caminho das pedras – passo a passo, etapa por etapa. Porém, essas mulheres não estão sozinhas durante tal jornada, que pode ser sempre mediada pela mídia, pelo jornalismo, pelas revistas e, em especial, por *Pais & Filhos*, publicação onde os temas giram sempre em torno dos filhos dessas mulheres, e mais do isso, desses filhos enquanto seres saudáveis, inteligentes e felizes.

Assim, proponho pensarmos na mulher-mãe como aquela responsável pela gestão da criança, seu filho, tendo como objetivo a alta *performance* – quando adulta mas com indícios ainda na infância. E ao falar em gestão refiro-me, claro, à terminologia tão cara à economia de mercado, à administração de empresas, e tão amplamente difundida na sociedade ocidental contemporânea. Afinal, somos, enquanto sociedade de maneira ampla e enquanto indivíduos de modo restrito,

regidos pelo neoliberalismo. “Esse neoliberalismo de que somos contemporâneos e no qual estamos de fato implicados” (FOUCAULT, 2008, p. 140) e que pressupõe a aplicação do modelo de empresa em todas as esferas da vida. Afinal, “a economia já não é a análise da lógica histórica de processo, é a análise da racionalidade interna, da programação estratégica da atividade dos indivíduos” (FOUCAULT, 2008, p. 307). Essa generalização da forma empresa é o desdobramento do modelo econômico, ou seja,

> o modelo oferta e procura, o modelo investimento-custo-lucro, para dele fazer um modelo das relações sociais, um modelo da existência, uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família. (FOUCAULT, 2008, p. 332)

Se a família contemporânea, dessa forma, está impregnada pela lógica economicista, há que se valer, sem dúvida, de um gestor. Papel este que – embora, sem dúvida, a família tenha passado por mudanças nas últimas décadas e estas tenham sido registradas, e porque não orquestradas, nas páginas de *Pais & Filhos* – é exercido pela mãe.

> Não importa o que se diga da criança ou que momento de sua evolução se possa comentar, há sempre um personagem que será posto em evidência: a sua mãe, isto é, a pessoa que a protege, cuida para que não lhe falte a subsistência e assegura a sua higiene corporal. (*Pais & Filhos,* edição 114, fevereiro/1978, p. 54)

Pais & Filhos ao enunciar o papel fundamental exercido pela mãe no cuidado diário com os filhos, demonstra que esse discurso não é único, isolado, nele fala uma voz sem nome, em que ecoam os valores (neo)liberais.

> (…) os elementos que entram na constituição de um capital humano, são muito mais amplos, são muito mais numerosos que o simples aprendizado escolar ou que o simples aprendizado profissional. Esse investimento, o que vai formar uma competência-máquina, será constituído de quê? (…) ele é constituído, por exemplo pelo tempo que os pais consagram aos seus filhos fora das simples atividades educacionais propriamente ditas. Sabe-se perfeitamente que o número de horas que uma mãe de família passa ao lado de seu filho, quando ele ainda está no berço, vai ser importantíssimo para a constituição de uma competência-máquina, ou se vocês quiserem para a constituição de um capital humano, e que a criança será muito mais adaptável se, efetivamente, se seus pais ou sua mãe lhe consagraram tantas horas do que se lhe consagraram muito menos horas. Ou seja, o simples tempo de criação, o simples tempo de afeto consagrado pelos pais a seus filhos, deve poder ser analisado em termos de investimento capaz de constituir um capital humano. (FOUCAULT, 2008, p. 315)

A construção do capital humano ainda na infância é, desse modo, considerada como vital para os indivíduos contemporâneos, nas sociedades ocidentais. Tanto é que a síntese do conteúdo da aula de 14 de março de 1979, ministrada no *Collége de France*, por Michel Foucault, analisando as práticas liberais e

neoliberais, está, também, nas páginas de *Pais & Filhos,* na edição 114, de fevereiro de 1978:

> Uma mulher que cuida mecanicamente de seu filho vai formar, sem dúvida, uma criança diferente daquela a quem a mãe[1] transmite todo o seu carinho. Isso porque a primeira relação da criança vai constituir o modelo de toda a sua relação com o mundo. (…) Na medida em que se percebe como objeto do carinho e do afeto da mãe, o bebê começa a desenvolver um sentimento de auto-confiança. (p. 54)

O capital humano de um indivíduo começa a ser formado ainda na infância, porém este desenvolvimento da performatividade só se dá efetivamente quando há uma participação da mãe em termos quantitativos – o tempo que esta passa com a criança – e qualitativos – o amor que ela sente e demonstra pelo filho em forma de carinho.

Em 1978, a revista ainda não falava em felicidade e sucesso, mas tratava de ajudar a mãe a tirar seu filho de um possível estado de tristeza e solidão; não abordava a construção do capital humano, mas dissertava sobre o desenvolvimento psicológico da criança. É como se os discursos da performatividade e da felicidade conquistada estivessem sendo preparados, ou melhor, fossem enunciados até certo ponto e, ainda, não se completassem. Porém, o papel da mãe não muda.

Dessa forma, *Pais & Filhos,* ao enunciar que a relação mãe-filho "vai constituir o modelo de toda a sua relação (da criança) com o mundo" (edição 114, fevereiro/1978, p.54), minimamente, senão está ainda alinhada aos ideais neoliberalistas, já assumiu para si a reprodução das ideias psicológicas, aqui

entendidas como técnicas intelectuais. Tecnologias que, assim, têm início com o amor materno como possibilitador da felicidade da criança e condição para um indivíduo autoconfiante, e que culminarão na mãe como gestora da criança que deverá se tornar o indivíduo empreendedor de si mesmo. Ou seja, o sujeito que deve assumir para si a responsabilidade por sua felicidade, pelo alto desempenho, pela criação ou pela aquisição de características e conhecimentos que lhe possibilitem estar a frente, competitivamente em vantagem sobre os demais.

Embora, na idade adulta, obter sucesso e alcançar a felicidade sejam prerrogativas de sujeitos com elevada autoestima, e o desenvolvimento dessa dependa exclusivamente do próprio indivíduo, a revista busca convencer às mães-leitoras que são mais autoconfiantes aqueles que receberam, quando bebês e crianças, amor materno: "na medida em que se percebe como objeto do carinho e do afeto da mãe, o bebê começa a desenvolver um sentimento de auto-confiança" (*Pais & Filhos,* edição 114, fevereiro/1978, p. 54).

Autoconfiança. Essa é a chave que abre as portas que conduzirão a criança e o adulto, que esta será, pelos caminhos da felicidade. Autoconfiança, autoaceitação, autoestima: sentimentos tão valorizados pelos indivíduos atualmente e tão caros aos profissionais de *Pais & Filhos* desde sua criação, no final da década de 1960 – "Os pais têm em si o poder de dar uma elevada **auto-estima** aos filhos. As atitudes das crianças sôbre si mesmas são formuladas dentro de casa" (*Pais & Filhos*, edição 11, julho/1969, p. 92, grifo meu) – e ao longo de sua trajetória, como ilustram os recortes abaixo:

> Sabendo-se que é na infância que tem início a formação de toda a estrutura interna de uma pessoa, justamente nesse período deve-se iniciar o **aprendizado para se conseguir viver feliz**. (…) Antes de mais nada, para atingir esse nível, **a**

> **criança deverá saber aceitar-se como ela é**. E o primeiro passo para esse importante processo deverá ser dado pelos adultos. (*Pais & Filhos,* edição 150, fevereiro/1981, p. 39, grifos meus)
>
> **Quem cresce amando a si mesmo,** respeitando-se e sabendo se cuidar, está, na verdade, adquirindo um verdadeiro passaporte de segurança e equilíbrio emocional. E uma coisa é certa: cabe aos pais, desde que o filho é bem pequenininho, cultivar nele um sentimento muito especial: a **auto-estima**. (*Pais & Filhos,* edição 238, junho/1988, p. 69, grifos meus)
>
> Uma **auto-estima** saudável inclui o senso de **auto-eficiência** – confiança na própria capacidade de pensar, aprender, tomar decisões, dar conta dos desafios básicos da vida – e de **auto-respeito** – a certeza de que se tem valor, a segurança em expressar as próprias idéias e a sensação de que se tem direito ao prazer a à satisfação. Gostar, valorizar, respeitar e acreditar em nós mesmos serão determinantes de nossos comportamentos e atitudes. (*Pais & Filhos,* edição 346, agosto 1997, p. 14, grifos meus)

Insuflar no próprio filho confiança, fazendo com que ele acredite em si mesmo. Essa é a síntese dos recortes acima e, também, configura-se como o primeiro passo para a constituição de indivíduos felizes e bem-sucedidos. Entre possibilitar a um filho uma autoestima elevada e predestiná-lo ao sucesso ou criar uma criança pouco confiante e sem muito a oferecer no futuro, a escolha por parte da mãe, parece-me, invariável. Uma demonstração de como a sociedade

contemporânea configura-se como uma sociedade consumidora de "comportamentos conformes" (FOUCAULT, 2008, p. 350). Afinal, os indivíduos são estimulados a adotar comportamentos esperados, aqueles baseados em estatísticas pelas quais o governo age, conduz as condutas da população. Assim, os comportamentos conformes são aqueles que fazem com que "cada um dos indivíduos funcione como membro, como elemento dessa coisa que se pode administrar da melhor maneira possível, a saber, a população. Eles agem como membros da população devem agir" (FOUCAULT, 2008a, p. 57).

Agem não porque devem agir e/ou porque é isso o que se espera que façam. Agem por desejo, é este o motor de ação da população. Desejo, sim, que é fomentado pelo governo, ou seja, é no despertar do desejo e no seu reforço incessante que atua o governo. É este querer que torna a população e cada um de seus indivíduos penetrável pela técnica governamental. Essa é a essência da governamentalidade tal como formulada por Michel Foucault.

> O jogo espontâneo ou, em todo caso, espontâneo e, ao mesmo tempo, regrado do desejo permitirá de fato a produção de um interesse, de algo que é interessante para a própria população. Produção do interesse coletivo pelo jogo do desejo: é o que marca ao mesmo tempo a naturalidade da população e a artificialidade possível dos meios criados para geri-la. (FOUCAULT, 2008a, p. 95)

A esse jogo com o(s) desejo(s) do(s) indivíduo(s) e da(s) população(ões) podemos chamar de práticas de governamentalidade. E estas, ao despertarem desejo e permitirem que esse seja visto como uma escolha individual, fruto da liberdade dos sujeitos, constituíram a subjetividade ocidental. "Os indivíduos modernos não se tornam apenas 'livres para escolher', mas *obrigados a serem livres,* a entender

e a levar suas vidas em termos de escolha” (FREIRE-FILHO, 2007, p. 150, grifos originais). Esse reforço levado a extremos da liberdade individual é um dos principais ingredientes da lógica liberal e, sobretudo, neoliberal.

Essas práticas de subjetivação são também, e concomitantemente, formas de objetivação. “O sujeito é objetivado, para ele mesmo e para os outros, através de certos procedimentos precisos de governo” (FOUCAULT, 2012, p. 284). Assim, em nossa sociedade contemporânea ocidental, regida pelo (neo)liberalismo, os indivíduos são subjetivados na medida em que são objeto de saber e de poder.

> Os indivíduos moldam suas vidas através das escolhas que fazem sobre a vida familiar, o trabalho, o lazer, o estilo de vida, bem como sobre a personalidade e sua expressão. O governo age através de uma 'ação à distância' sobre essas escolhas, forjando uma simetria entre as tentativas dos indivíduos para fazer com que a vida valha a pena para eles e os valores políticos de consumo, rentabilidade, eficiência e ordem social. Isto é, o governo contemporâneo opera infiltrado, sutil e minuciosamente, nas ambições do processo de regulação no interior mesmo de nossa existência e experiência como sujeitos. (ROSE, 1998, p. 43)

Assim, a governamentalidade contemporânea transcende a vida dos indivíduos. Ela, da mesma maneira como o pastorado cristão dos séculos XVI e XVII, debruça-se sobre o mais que viver, como enuncia Foucault, dos homens, sendo que esse deve ser entendido como comodidade, aprazimento ou felicidade. “Essa felicidade, como mais que viver dos indivíduos – é isso que de certo modo deve ser logrado e constituído em utilidade estatal: fazer da felicidade dos homens a

utilidade do Estado, fazer da felicidade dos homens a própria força do Estado" (FOUCAULT, 2008a, p. 439).

Hoje, cotidianamente, somos alvo de investimentos maciços da importância da felicidade. Ser feliz é, sem dúvida, enunciado como um comportamento conforme e quem não busca esse estado de plenitude e não se responsabiliza por sua conquista é encarado como um indivíduo que não se enquadra ao que se espera, isto é, é visto como anormal. "O imperativo de ser feliz não apenas transcende hoje a exigência da dita lei moral, como também que esta passa a ser subsumida ao mandato incontornável de que o sujeito deve ser feliz, acima de tudo" (BIRMAN, 2010, p. 27).

E se aos adultos não há alternativa que não seja uma existência feliz, que se poderá dizer da criança? Dessa forma, uma afirmação como "alegria na infância é tão importante quanto alimentação e educação", enunciada na terceira edição de *Pais & Filhos* (p.110) e que foi sendo reforçada ao longo dos últimos quarenta anos, hoje é lida como lugar-comum.

Atualmente, já não basta ser criança. É preciso ser criança e feliz. Afinal, a felicidade passou a ser lida como sinônimo de vida equilibrada e saudável, não só na infância, mas também na idade adulta. "A alegria é fundamental para as crianças se desenvolverem psiquicamente sadias. (…) Além do sustento e da educação, os pais têm obrigação de proporcionar a seus filhos um ambiente sadio" (*Pais & Filhos,* edição 3, novembro/1968, p. 111-2).

Conquistar esse *status* de vida plena na idade adulta não depende da criança que, de acordo com *Pais & Filhos,* "sempre será capaz de encontrar a felicidade. Desde que, no entanto, tenha o afeto dos adultos em volta" (*Pais & Filhos,* edição 218, outubro/1986, p. 14). A felicidade dos filhos depende, então, sobretudo, da atitude

dos pais – “o que o pequeno precisa para crescer feliz e confiante em si mesmo, é de um real e sincero interesse dos pais por ele” (*Pais & Filhos,* edição 238, junho/1988, p. 71) – ou, mais especificamente, da mãe. É ela a responsável pela gestão da vida da criança de modo a oferecer-lhe as condições para ser feliz na infância, ao lado dela, e depois de adulto, quando independente e responsável pelo governo de si mesmo.

Autogoverno e governo da criança pela mãe. Isto é, retornamos aos procedimentos de governamentalidade enunciados por Michel Foucault. Termo que, de acordo com a definição do autor, “descreve uma confluência entre as microtecnologias – pelas quais os indivíduos se relacionam e governam a si mesmos – e as macrotecnologias, por meio das quais os estados e as autoridades sociais governam grupos, instituições e populações” (BINKLEY, 2010, p. 90). Entre as tais autoridades sociais da atualidade não podemos deixar de citar o jornalismo que, através da credibilidade obtida a partir do preceito de que todos os lados da notícia são ouvidos e que, por isso, apresentaria uma versão imparcial, define modos de ver, ser e estar no mundo. No caso de *Pais & Filhos,* essa busca pelo alinhamento se dá pela maneira como a revista procura obter das mães comportamentos esperados, conformes, condizentes com a maternidade. Entre eles destaca-se a construção da felicidade das criança pela mãe, como incita a revista em sua edição 218, de outubro de 1986: “porque, em última instância, precisamos construir nosso próprio bem-viver. Em prol da tranqüilidade de nossos filhos e da nossa própria paz” (p. 15).

O governo, então, para Foucault é, concomitantemente, uma relação do indivíduo consigo mesmo e uma relação entre sujeitos. Sendo que esta última é sempre pensada de maneira a apontar os melhores caminhos nesse auto-governo - “um conjunto de ações sobre ações possíveis” -, porém, sem que os indivíduos se

dêem conta disso, ao contrário, percebendo-se inteiramente livres. Ou seja, na relação entre sujeitos, o governo

> opera sobre um campo de possibilidade aonde vem inscrever-se o comportamento dos sujeitos ativos: ele incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente; mas ele é sempre um modo de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

A felicidade enquanto comportamento conforme é uma ação governamental sobre as ações que se esperam dos sujeitos enquanto população. Assim, ao buscarem a felicidade dos filhos, as mães se deixam conduzir, permitem que sejam objetivadas. Ao acreditar que a felicidade é prioridade e é uma responsabilidade de cada indivíduo, esse mesmo sujeito impõem-se a lógica da governamentalidade, na qual a gestão de si mesmo está centrada na otimização do desempenho e na expansão do controle.

> As tecnologias da subjetividade existem, pois, numa espécie de relação simbiótica com aquilo que poderíamos chamar de "técnicas do eu": as formas pelas quais somos capacitados, através das linguagens, dos critérios e técnicas que nos são oferecidos, para agir sobre nossos corpos, almas, pensamentos e conduta a fim de obter felicidade, sabedoria, riqueza e realização (ROSE, 1998, p. 43).

Realização, riqueza, sabedoria e felicidade. Faces diferentes de uma mesma moeda, a que aqui estou designando como trinômio felicidade – sucesso – autoestima. E vamos voltar a esta última, afinal, ela está invariavelmente ligada à conquista da felicidade, e mais forte e/ou determinante será quanto mais cedo se concretizar no indivíduo. Assim, nas páginas de *Pais & Filhos*, o que se procurará estabelecer como verdade é que a autoestima deve ser conquistada pelo sujeito ainda na infância a partir dos estímulos familiares, sobretudo aqueles maternos - "valorizar a criança, incentivá-la a acreditar em seu potencial são atitudes importantes para desenvolver a auto-estima" (*Pais & Filhos*, edição 346, agosto/1997, p. 15).

> Aprender a gostar de si mesmo não é algo tão difícil. Para tanto basta que o pequeno receba carinho, compreensão, afeto. Complicadíssimo é recuperar uma autoestima machucada. Sabendo disso, além de demonstrar amor por seu filho através de seus gestos, faça-o também através de suas palavras, da forma com que se dirige a ele seja perto dos outros ou dentro de quatro paredes (*Pais & Filhos,* edição 238, junho/1988, p. 70)

A autoestima, baixa ou elevada, dessa forma, é decorrência das vivências enquanto se é criança, ou seja, quando o governo de si está delegado a uma segunda pessoa, que é, essencialmente, no quesito responsabilidade, a mãe. Dessa forma, "o não reconhecimento e a desvalorização certamente baixam a auto-estima, tornando o pequeno retraído, com medo de fazer o que gosta, inseguro para expressar suas idéias" (*Pais & Filhos*, edição 346, agosto/1997, p. 15). Como consequência,

> aqueles que têm uma carência de amor próprio – e, consequentemente, não confiam em seu potencial – costumam se acomodar, se *proteger* através de situações já conhecidas e estáveis. A baixa auto-estima é carregada de rigidez, medo do novo e do não familiar, dificuldade em lidar com as outras pessoas, uma postura defensiva diante de tudo. Dessa forma, torna-se mais difícil encarar os problemas, experimentar caminhos diferentes e recomeçar, se for preciso. (*Pais & Filhos*, edição 346, agosto/1997, p. 14, grifos originais)

Ao elencar as atitudes positivas e as negativas dos pais no dia a dia com a criança, *Pais & Filhos* exerce sua função de manual e, simultaneamente, alinha-se a um dos discursos de maior destaque atualmente, que é o da autoajuda. Esse tipo de literatura, segundo a Câmara Brasileira do Livro, entre 1996 e 2006, cresceu de 5% a 10% ao ano em nosso país. Aumento não só nas obras voltadas para o público adulto. “Os livros de autoajuda infantil também estão virando um rendoso filão editorial: calcula-se que a venda de obras com esse feitio tenha aumentando 50% no Brasil, em 2003” (FREIRE FILHO, 2010, p.16).

Ao tratar do reforço da autoestima da criança, com vistas ao sentimento permanente de felicidade, *Pais & Filhos* não apenas aconselha. A revista está agendando assuntos que devem ser discutidos, posicionamentos que devem ser repensados. Está ensinando a maneira mais correta de ser e estar no mundo, objetivando a mulher enquanto mãe, de modo que ela seja mãe nos cuidados com o filho e não apenas uma mulher que lida com uma criança. Afinal, que mãe “não deseja o melhor para seu filho? Quem não faz questão de acertar no fundo do coração? Quem não quer fazer de seu pequeno uma pessoa equilibrada, segura e feliz?” *(Pais & Filhos,* edição 238, junho/1988, p. 69). Objetivos que são mais

facilmente alcançados quando mediados pelo jornalismo de autoajuda, conforme expressão de Freire Filho (2011b, 2010b), praticado pela publicação:

> Quem pensa que fazer uma criança feliz é uma tarefa complicada está enganado. Quem também mede a felicidade pelo número de brinquedos dispostos nas estantes não conhece o seu significado. Na verdade, conseguir criar condições que possibilitem uma criança sentir-se satisfeita dá trabalho e exige atenção e boa vontade. Trabalho, atenção e boa vontade que todos pais desejam ter. O que falta, muitas vezes, é achar os caminhos adequados. Esta reportagem fala destes caminhos. Um deles é o seu, em direção à felicidade de seu filho. (*Pais & Filhos*, edição 150, fevereiro/1981, p. 36)

Caminho este que, em mais essa edição, passa pela autoestima: "é fácil avaliar a importância da autoaceitação no processo da felicidade. Afinal, como podemos falar em realização, criatividade, participação social a até em autocontrole, se não temos o essencial, que é o fato de a criança acreditar em si mesma?" (*Pais & Filhos*, edição 150, fevereiro/1981, p. 40). Assim, demonstrando a cada mãe "como seu filho pode ser feliz", título da reportagem publicada na edição 150, *Pais & Filhos* entra, em 1981, no que considero um segundo momento, uma segunda maneira de abordar a temática da felicidade infantil, ou seja, pelo viés da autoestima que é uma espécie de entrada livre para uma felicidade que não chega pronta, e sim é construída, aprendida, conquistada. De maneira que essa ideia é expressa literalmente pelo conjunto formado pela linha-fina e pelo título da reportagem publicada na edição 238, de junho de 1988: "Auto-estima – Assim se aprende a ser feliz" (p. 68).

Porém, os discursos de *Pais & Filhos* sobre a felicidade infantil nem sempre foram produzidos a partir de enunciados como “Eu sou mais eu!”, título da reportagem publicada em agosto de 1997, na edição 346. Das edições iniciais às publicadas até o final da década de 1970, a felicidade pode ser lida como um bem-estar psíquico, como um sentimento, uma sensação inerente à criança mentalmente saudável. Por isso, logo em sua terceira edição, de novembro de 1969, a revista alerta: “criança sadia precisa sorrir” (p. 110) e, ainda, adverte: “a alegria é fundamental para as crianças se desenvolverem psiquicamente sadias” (p. 111). Alegria, felicidade ou saúde psíquica que devem ser proporcionadas às crianças pelos pais, mais especificamente pela mãe. Afinal, embora essa responsabilidade materna não seja enunciada verbalmente, são mulheres sorridentes, representando as mães, que aparecem nas fotografias abraçadas à crianças que também sorriem.

> Seu filho precisa que você ria. Tôda a criança, embora muitas vezes não entenda, se guia pelas atitudes dos adultos. O relacionamento entre os pais e o comportamento que eles têm em casa se reflete profundamente na formação dos filhos. Em casa onde não há alegria, onde os adultos reprimem as manifestações espontâneas dos momentos de euforia, não pode haver criança feliz. Se não exibirem na infância um comportamento diferente de outras crianças, terão, quando moços, conflitos inconscientes expressos em neuroses. (*Pais & Filhos,* edição 3, novembro/1969, p. 110)

Nas edições publicadas até o início da década de 1980, a felicidade como bem-estar psíquico passa, ou melhor, é decorrência de situações cotidianas, como àquelas em que as crianças recebem atenção e carinho dos pais e, também, podem exercer sua própria liberdade.

> Os psicólogos afirmam que criança feliz é aquela que se sente amada, compreendida e segura. E acrescentam um outro dado que consideram dos mais importantes: deve-se dar à criança a oportunidade de fazer tudo o que é permitido aos dois, cinco ou sete anos. (*Pais & Filhos*, edição 79, março/1975, p. 73)

> Ninguém mais ama a liberdade do que a criança. E ela atinge seus momentos mais felizes exatamente quando está à vontade, com o direito a rolar na terra. E os médicos e psicólogos aconselham mesmo que a criança deve ter o seu momento de viver 'com os pés no chão'. É assim que ela diminui suas tensões, liberta seus sentimentos e exercita a imaginação. (*Pais & Filhos,* edição 17, janeiro/1970, p. 91)

Sempre apoiada nos discursos de autoridade[2], como são os dos psicólogos, a revista pode demonstrar às mães como o não cumprimento, ou melhor, a não aceitação das dicas dos *expertes* apuradas e publicadas por *Pais & Filhos* pode ser danosa para a criança: “criança que vive escravizada a uma limpeza absoluta acaba angustiada e cheia de problemas” (*Pais & Filhos*, edição 17, janeiro/1970, p. 90).

Assim, se até o final da década de 1970, um ambiente familiar onde falta amor, carinho e compreensão é desencadeador de problemas psicológicos, como a angústia, já a partir dos anos 1980, como analisado anteriormente, a mesma ausência materna é fator decisivo para o não desenvolvimento do amor-próprio resultando, consequentemente, na baixa autoestima. Ou seja, a preocupação com a psiquê humana ganha novos nomes, mas continua tendo como pano de fundo a

mesma problemática: a participação, ou não, da mãe no desenvolvimento da criança.

Presença materna, que, além de estimular a autoestima, é decisiva de outros modos no desenvolvimento da criança. Por isso, a publicação enfatiza que “não é à toa que os psicólogos consideram a auto-estima como um dos pilares centrais da existência humana” (edição 238, junho/1988, p. 69).

REFERÊNCIAS BIOBLIOGRÁFICAS

Binkley, S. (2010) A felicidade e o programa de governamentalidade noeliberal. In: Freire Filho, J. (org.). *Ser feliz hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade.* (pp. 83-104). Rio de Janeiro: FGV.

Birman, J. (2010). Muitas felicidades? O imperativo de ser feliz na contemporaneidade. In: Freire Filho, J. (org.). *Ser feliz hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade.* (pp.27-48). Rio de Janeiro: FGV.

Freire Filho, J. (2011) Sonhos de grandeza: o gerenciamento da vida em busca da âlta performance. In: Freire Filho, J., & Coelho, M. das G. P. *A promoção do capital humano – mídia, subjetividade e o novo espírito do capitalismo.* (pp. 27-50). Porto Alegre, Sulina.

Freire Filho, J. (2011b, set./dez.) O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. *Revista Famecos,* Porto Alegre, *18* (3), 717-745.

Freire Filho, J. (2010) O anseio e a obrigação de ser feliz hoje. In: Freire Filho, J (org.). *Ser feliz hoje – Reflexões sobre o imperativo da felicidade.* (pp.13-26). Rio de Janeiro: FGV.

Freire Filho, J. (2010b). Fazendo pessoas felizes: o poder moral do relatos midiáticos. *XIX Encontro da Associação Nacional do Programas de Pós-Graduação* (Compós), Rio de Janeiro.

Freire Filho, J. (2007). *Reinvenções da resistência juvenil – os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X.

Foucault, M. (2012) *Ditos & Escritos VIII – Segurança, penalidade e prisão.* Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2008a). *Segurança, território, população.* São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2008) *Nascimento da biopolítica.* São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (1995) O sujeito e o poder. In: Dreyfus, H. L., Rabinow, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica.* (pp.231-249). Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfs* – Psicologia, poder e subjetividade. Petrópolis: Vozes.

Rose, N. (1998) Governando a alma: a formação do eu privado. In: Silva, T. T. da (org.). *Liberdades reguladas.* Petrópolis: Vozes.

PAIS & FILHOS

EDIÇÕES ANALISADAS: 3 (novembro/1968); 11(junho/1969); 17 (janeiro/1970); 79 (março/1975); 114 (fevereiro/1978); 150 (outubro/19800; 155 (fevereiro/1981); 218(outubro/1986); 230 (outubro/1987); 238 (junho/1988); 266(outubro/1990); 346 (agosto/1997)